
El príncipe de la Villa de Cyro Martins, traduzido por Pablo Rocca. Montevideo: Banda Oriental, 2003, 96 pp.

O tradutor deste romance, Pablo Rocca, é uruguaio, professor do Departamento de Literaturas Uruguaya y Latinoamericana da Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación (Universidad de la República), é pesquisador e crítico literário. Alguns dos seus livros são: *35 años en Marcha (Crítica y Literatura en el semanario «Marcha» y en el Uruguay* (1992); *Horacio Quiroga, el escritor y el mito* (1996); *Historia de la literatura uruguaya contemporánea* (tomos I y II, 1996-97); Edição Crítica, prólogo, bibliografia e notas de *Cuentos Completos*, de Eduardo Acevedo Díaz (1999) e *Enseñanza y teoría de la literatura en José Enrique Rodó* (2001). Através de um uruguaio, este romance de Cyro Martins que tem como contexto geográfico e cultural pequenas cidades e povoados de Rio Grande do Sul próximas do Uruguai, começa a ser divulgado em espanhol. Cyro Martins é conhe-

cido não só pelas suas obras literárias, mas também pelas suas contribuições no campo da psicologia humana. Médico, com formação psicanalítica, é autor de ensaios, romances e textos técnicos, marcando sua trajetória pelo contínuo diálogo entre a literatura e a sua atividade profissional como médico, mas não se limitou ao corpo físico, procurou entender a alma das pessoas, e talvez seja algumas doses dessas características que podemos perceber em Brandino, o protagonista do romance. Este personagem que é apaixonado pela leitura, escritura, por contar histórias, pela saúde. Um ser diferente, num contexto de tipos humanos que seguem certos padrões conhecidos por Cyro Martins (o autor viveu numa cidade do interior de Rio Grande do Sul até começar seus estudos em Porto Alegre, e depois voltou a morar um tempo nela). Homens acostumados à vida sofrida do campo, a terem muitas aventuras amorosas e filhos espalhados, mulheres que suportam os casos de seus homens (sendo até um alívio das suas obrigações conjugais), a ausência destes nas guerras, o casamento como a única possibilidade de sobrevivência para a mulher sozinha. Neste contexto geográfico e cultural,

fronteiriço, surge uma mulher diferente, que se destaca, assim como também o fará seu filho, uma mulher que assume sem culpa seus desejos, que sabe aceitar o que a vida lhe oferece, como por exemplo, a ajuda de uma índia como parteira (algo condenado pelo padre, representante da moral cristiana, mas que seria o motivo de Luzia continuar inteira, sem os desgarros que estragavam os corpos das outras mulheres, tornando-as sem encantos para os maridos). Mas essa mulher sempre teve um encanto especial, e também vai ter um segredo, algo do qual ela é dona, exercendo um certo poder sobre os habitantes da vila Nossa Senhora do Passo do Rosário. Quem é o verdadeiro pai de Brandino? Vários podem sê-lo, e de certa forma, como consequência, muitas mulheres podem sentir-se ameaçadas, mas por que não, também um pouco mães dessa criatura. Brandino parece estar longe destas questões, mas apesar de querido, estimado pelos seus atributos que se destacam nesse ambiente rústico, algo vai se precipitando, algo que retorna, que incomoda, que faz barulho, que atormenta, que só ele ouve e não entende, provocando seu desespero. Que fantasma é esse que se presentifica sem

palavras? Que está faltando nesse mundo de histórias, espíritos, homeopatia, ervas medicinais? Que palavras, que respostas são essas que faltam para Brandino?

O fantasma, desejado, temido, presença que tem algo a dizer, um sentido a desvelar, mas que ao não poder ser entendido por Brandino, torna-se intolerável, como indica a seguinte frase: «me vingarei sobretudo de tua mudez, apesar de fazeres tanto barulho. Mas o fato é que não abres a boca e é isto que mais me desatina» (1987, p. 85). Este fato não fica suficiente sublinhado na escolha do tradutor, que escolhe traduzir: me desatina por me saca de las casillas (2003, p. 91), em outro contexto poderia funcionar, mas neste caso, não se está falando simplesmente de perder a paciência ou enfurecer-se, mas sim da perda da razão, de loucura.

Cyro Martins nos leva a segui-lo nesta história, mostrando-nos uma realidade sócio-cultural que relaciona características regionais de dois países que têm muito em comum, onde fronteiras ficam mais tênues, algo que sua filha, a professora Maria Helena Martins continuou a pesquisar.

A tradução do romance e o prólogo, são da autoria de Pablo

Rocca, que contém ainda uma síntese biobibliográfica de Carlos Jorge Appel (escritor, crítico literário e editor).

No prólogo, Pablo Rocca nos comenta sobre a produção literária de Cyro Martins, destacando que em 1982, quando surgiu *O Príncipe da Vila*, já tinha uma longa trajetória como escritor. Nos informa que a literatura do autor segue ligada a certos dispositivos mais ou menos usuais da narrativa pós-gauchesca.

O mundo gauchesco retratado nas suas histórias, é um mundo de pobreza, de dificuldades, do gaúcho a pé. Também afirma que o autor introduz nos seus textos, especialmente nos diálogos, vocábulos e expressões regionais, o que se torna um desafio para qualquer tradutor. Segundo o tradutor, no *Príncipe da Vila* se superpõem três níveis fundamentais:

1) O domínio da arte de narrar e a familiaridade com as personagens da fronteira riograndense-uruguaia.

2) O conhecimento da tradição literária brasileira e hispano-americana (particularmente, a gaúcha e rioplatense), superando estereótipos e

3) A formação psicanalítica, que lhe ofereceu elementos para a

reflexão teórica e aprofundamento na psicologia das personagens.

Pablo Rocca nos diz que Brandino representaria de uma forma um tanto hiperbólica, o primeiro exemplo de uma geração semi-urbana que não está forçada a imolar-se nas guerras civis, mas que não sabe, não pode ou não quer imaginar um destino fora das antigas estruturas de poder.

O espelho de Brandino talvez seja o galo-músico, que tem o dom de cantar, provocando o fascínio das pessoas, que param para ouvi-lo. Este galo é considerado por Brandino como o verdadeiro príncipe, por seu canto, sua valentia, sua masculinidade (estas duas últimas características que parecem escassear no protagonista).

Após o prólogo, temos uma síntese biobibliográfica, onde se destacam a infância do autor na cidade de Quaraí no Rio Grande do Sul, sua formação profissional e produção artística, e também se comenta que nos anos compreendidos entre 1958 e 1964, foram traduzidos vários de seus trabalhos ao castelhano e ao alemão. Em 1997, sua mulher, filhos e colegas, criaram o Centro de Estudos de Literatura e Psicanálise Cyro Martins, que além de velar pela obra do escritor, pro-

move estudos e projetos relacionados às duas áreas.

O tradutor manteve as aspas dos diálogos, usadas pelo autor, justificando sua opção no fato de tentar manter a prosa austera do relato campeiro da região, internando-se na mimese da oralidade, oscilando entre a linguagem coloquial e a culta.

São utilizadas notas de tradução, mas poderiam ser acrescentados mais dados, fundamentalmente alguns termos que têm a ver com a história gaúcha, como castilhistas, e revolução maragata. As notas usadas, são escassas, acreditamos que para não provocar a distração do leitor, tentando manter dentro do possível o transcurso normal do relato.

Na tradução se perde um pouco a forma de falar gauchesca, passando por momentos a um padrão mais culto da língua, como vemos nos seguintes exemplos:

Não se sabe até hoje quem, mas alguém viu, porque senão o caso não teria transpirado. Levou anos num diz-que-diz que medroso (1987, p. 12).

No se sabe hasta hoy quién, pero alguien lo vio, porque de lo contrario no hubiera trascendido. Durante años se comentó tímidamente (2003, p. 21).

com a honra duma pessoa não se bole, inda mais duma senhora» (1987, p. 12). «Com la honra de una persona no se juega, menos con la de una señora (2003, p. 21).

Em outros momentos, o tradutor consegue introduzir palavras que devolvem esse estilo mais de linguagem coloquial de homem de campo, como observamos neste exemplo:

Seria mesmo filho do Ataliba? (1987, p. 13).

Sería nomás hijo de Ataliba (2003, p. 22).

Os nomes originais dos personagens são respeitados. Para manter o nome Brandino, o tradutor introduz uma nota, explicando seu significado em português. No caso das mulheres que são chamadas de donas, (à exceção de *dueña* Ángela), passam a serem doñas, inclusive *dueña* Ángela (o que lhe tira o tratamento diferenciado, que faz referência a sua origem).

Por momentos, são deixadas quase intactas certas expressões, ou palavras que poderiam ser substituídas por outras mais acordes com o significado original, como por exemplo: «Levaria algo nessa parada» (1987, p. 20). «Sacaría algún partido en esta parada»

(2003, p. 29). Esta expressão não é comum em espanhol, sendo bastante comum em português para fazer referência a assunto, negócio, etc. Ou, quando mantém «trepadas de gallo do Príncipe» (1987, p. 57), na frase : «trepadas por el gallo del Príncipe» (2003, p. 64), sendo que a palavra trepada em espanhol não tem a conotação sexual que possui em português. Ou por exemplo na expressão: «bater com a língua nos dentes» (1987, p. 53) o tradutor escolhe colocar: «darse la lengua contra los dientes» (2003, p. 60), o que em espanhol não é usado para fazer referência a contar segredos.

Por outro lado, na maior parte do texto, consegue adaptar expressões do português para o espanhol como por exemplo:

Mal sabia ela, no entanto, que a Pitoca já estava mexendo com os pauzinhos (1987, p.

17). Ignoraba, sin embargo, que Pitoca ya estaba moviendo los hilos (2003, p. 26).

Lá onde o diabo perdeu as botas (1987, p. 8). Allá donde el diablo perdió el poncho (2003, p. 18).

Podemos concluir que a tradução, apesar de ter algumas opções questionáveis, mantém a preocupação e respeito pelo original, e converte-se num instrumento de divulgação importante da rica e vasta obra de Cyro Martins, o que nos faz louvar os esforços das partes envolvidas neste importante trabalho.

* As citações do original correspondem a: *O Príncipe da Vila*. Cyro Martins. 3ª edição, Porto Alegre: Movimento, 1987.

Adriana Sappino
UFSC